

90 Anos da Primeira Visita de Maurice Maeterlinck a Portugal: de Eugénio de Castro a António Ferro.

90 Years since Maurice Maeterlinck's First Visit to Portugal: from Eugénio de Castro to António Ferro.

Pedro Miguel Gon¹

RESUMO

Neste artigo marcam-se os 90 anos sobre a primeira passagem de Maurice Maeterlinck por Portugal, em 1935, e determinam-se as relações deste autor com Portugal: num primeiro momento, mediadas por Eugénio de Castro; e, num segundo momento, mediadas por António Ferro. Uma vez que chega a Portugal no âmbito da chamada “Embaixada Cultural de 1935” organizada por António Ferro, Maeterlinck percorreu algumas regiões de Portugal, que aqui se clarificam, na companhia de outras figuras de renome, como Unamuno, Mistral e Mauriac, e esteve em Coimbra no dia 19 de junho, momento em que conhece em pessoa Eugénio de Castro.

PALAVRAS-CHAVE

Maurice Maeterlinck; Eugénio de Castro; António Ferro; Embaixada Cultural de 1935; Coimbra, visitantes.

1 <https://orcid.org/0000-0001-9738-6955>; pedro.miguel.gon@sapo.pt

ABSTRACT

This article marks the 90th anniversary of Maurice Maeterlinck's first visit to Portugal, in 1935, and determines the author's relations with Portugal: initially mediated by Eugénio de Castro; and, in a second moment, mediated by António Ferro. Having arrived in Portugal as part of the so-called "Cultural Embassy of 1935" organized by António Ferro, Maeterlinck travelled through some regions of Portugal, which are clarified here, in the company of other renowned figures, such as Unamuno, Mistral and Mauriac, and spent some time in Coimbra on June 19, when he met Eugénio de Castro in person.

KEYWORDS

Maurice Maeterlinck; Eugénio de Castro; António Ferro; Cultural Embassy of 1935; Coimbra, visitors.



Retrato de Maeterlinck, de Henrique Medina (1944)².

2 Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, fotografia de Arnaldo Soares(1994) Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E / Arquivo de Documentação Fotográfica.

Se hoje Maurice Maeterlinck é um autor caído no esquecimento, pelo menos por parte do grande público, na viragem do séc. XIX para o XX era um autor bem conhecido. Aonde quer que fosse, a fama das suas obras teatrais precedia-o. Pelo menos desde 1892, quando se tornou famoso com a estreia do drama *Pelléas et Mélisande*, talvez o exemplo máximo do teatro simbolista, um dos seus maiores sucessos de sempre. Êxito ainda mais reforçado quando em 1904 a peça foi musicada por Debussy e a sua reposição constituiu um novo triunfo na Opéra-Comique de Paris. Hoje, afinal, o que perdurou do teatro de Maeterlinck foi a composição de Debussy, que continua a ouvir-se, da mesma forma que das peças de Hofmannsthal perduram as composições de Richard Strauss.

Apesar de Maeterlinck ser um poeta, autor de *Serres Chaudes* (1889) ou de *Douze Chansons* (1896), ficou sobretudo conhecido como dramaturgo, a ponto de ser colocado a par de Ibsen e Strindberg como um dos mais influentes dramaturgos no dealbar do séc. XX. O nosso Fernando Pessoa era leitor de Maeterlinck, conhecia as suas concepções de ‘teatro estático’ ou ‘teatro do espírito’ e chegou a aplicá-las em criações suas. Em Maeterlinck, porém, é difícil discernir o poeta do dramaturgo, pois as suas obras fazem uma fusão dos dois géneros: poesia dramática ou teatro poético?

Se o melodrama *Pelléas et Mélisande* foi um enorme sucesso, não lhe ficou atrás a peça infantil *L'Oiseau Bleu* (1908) ou o ensaio pseudocientífico *La Vie des Abeilles* (1901). São estas três, talvez, as mais célebres obras de Maeterlinck. No outro lado do Atlântico, o sucesso da obra de Maeterlinck revela-se numa versão cinematográfica realizada por Walter Lang, *The Blue Bird* (1940), e protagonizada por Shirley Temple, produzida para concorrer diretamente com *The Wizard of Oz* (1939).

1.

A primeira vez que Maurice Maeterlinck veio a Portugal foi nos anos 30 do séc. XX, mas a sua relação com o país aparenta ser mais

antiga. Na década de 1890, precisamente quando a obra do belga começava a contribuir para a mudança do gosto estético dos europeus, os seus textos estavam a ser publicados em revistas internacionais. Também em Portugal havia uma revista que mostrava interesse em publicar Maeterlinck. De alguma forma, acompanhava-se em Portugal a evolução do gosto estético internacional, e o responsável por esta atenção era Eugénio de Castro.

Na década de 1890, Eugénio de Castro já era uma figura conhecida no meio literário nacional. Havia concluído os seus estudos em 1888, no Curso Superior de Letras de Lisboa, e partira de seguida numa viagem pela Europa, sobretudo Paris. Diz Eugénio de Castro, numa espécie de autobiografia literária, que tinha descoberto as obras de poetas simbolistas como Verlaine, Mallarmé e Gustavo Khan, e foi o espanto que o fez partir para Paris: “puz novas cordas à minha lira ferrugenta, e partindo com ella para Paris, afinei-a ali, nas margens do Sena, pelo diapasão francês”³.

Teria sido esta viagem a Paris o gatilho que desencadeou a rutura na evolução da poesia portuguesa. Mas na nossa linha de reflexão interessa clarificar com precisão: terá sido nesta primeira viagem a Paris que Eugénio de Castro conheceu a obra de Maurice Maeterlinck e o poeta belga em pessoa?

Óscar Lopes acredita que “a conversão de Eugénio de Castro às novas tendências verifica-se durante a sua estadia em Paris em 1888” (Lopes, 1987, p. 91). Outros autores fizeram interpretações semelhantes, mas o próprio poeta declarou, logo na primeira linha de um pequeno texto intitulado de *Viagem a Salamanca*, que essa viagem se iniciou “no dia 29 de Junho de 1889, dia do glorioso apóstolo São Pedro” (Castro, 1969, p. 1).

Aceite-se como seguro que, chegado a Paris, Eugénio de Castro foi diretamente à loja de Léon Vanier. Este seria o arauto dos sim-

3 Autobiografia, jornal *La Nación*, Buenos Aires (1924).

bolistas, “le bibliopole des symbolistes” (Bulletin, 1935, p. 103). Este editor, que já havia publicado Paul Verlaine, acabava de publicar, em 1889, o livro *Serres Chaudes* de Maeterlinck. Portanto, é possível admitir que Eugénio de Castro tenha conseguido apanhar o livro acabadinho de publicar e aperceber-se da relevância do autor. Este Léon Vanier é o mesmo editor que publicaria mais tarde o livro *Só* (1892), de António Nobre.

Se Eugénio de Castro conheceu efetivamente Maeterlinck logo nesse ano de 1889 foi, então, nas vésperas deste se tornar famoso. Só em Agosto de 1890 sai no jornal *Le Figaro* o artigo favorável de Octave Mirbeau a propósito da peça *La Princesse Maleine*, que lhe deu a fama da noite para o dia. Maeterlinck tinha enviado a sua peça a Mallarmé (Andrei, 2007) que, por sua vez, a enviou a Mirbeau, que era então um crítico influente e que mantinha em *Le Figaro* uma rubrica literária. O crítico gostou tanto que afirmou do autor belga, um tanto exageradamente, tratar-se de um “nouveau Shakespeare et que sa pièce est un chef-d’œuvre moderne: «l’œuvre la plus géniale de ce temps»” (Andrei, 2007, s/p). Em breve outros o apelidavam já de “Belgian Shakespeare” (Thomas, 1911, p. 5).

A estadia de Eugénio de Castro em Paris não foi breve, só no fim de setembro regressaria a Coimbra. Portanto, houve muito tempo para conhecer algumas figuras e locais ligados ao simbolismo. Consta que entrou em contacto com editores de revistas, nomeadamente *La Jeune Belgique*. Albert Mockel, afinal o responsável pela apresentação de Eugénio de Castro na Academia Belga, diz no seu discurso que “vous vîntes à Paris; on vous y rencontra au Mercure de France” (Bulletin, 1935, p. 83); melhor dizendo, Mockel diz que “conheceu” literariamente Eugénio de Castro através da revista *Mercure de France* o que não significa, portanto, que tenha estado com ele face a face. Afinal só se viram frente-a-frente em Bruxelas (Adam, 1999), quando Castro se tornou membro estrangeiro da Academia Belga em fevereiro de 1935.

Apesar de Maeterlinck se ter deslocado várias vezes a Paris, a primeira das quais em 1886, só em 1896 Maeterlinck abandona Gent de vez e se estabelece em Paris. Portanto, não é seguro que em 1889 Eugénio de Castro tenha conhecido Maeterlinck na sua primeira viagem a Paris. Não é impossível, mas é pouco provável.

Só ao regressar de Paris, Eugénio de Castro publica as suas obras inovadoras, nomeadamente *Oaristos* (1890) e *Horas* (1891), ambas impressas em Coimbra, obras fundacionais do Simbolismo português. Isso significava que renegava todas as obras poéticas anteriores – por exemplo, *Cristalizações da Morte* (1884) e *Horas Tristes* (1888) –, que passou a considerar obras juvenis. Castro confessa, no próprio prefácio a *Oaristos*, que a rutura com a poesia do passado era profunda ao ponto de cancelar a publicação do livro *Novas Poesias*, que já tinha contrato de impressão com a casa Guillard-Aillaud de Paris, ilustrações de Bordalo Pinheiro e prólogo de João de Deus. A renúncia a tal livro revela uma consciência plena da revolução que ia provocar, mostra o “crescimento crítico da consciência artística do jovem Eugénio de Castro” (Seabra Pereira & Cabral, 2011, p. 265).

No mesmo período que estavam a ser publicadas em França e Bélgica algumas das obras mais significativas do simbolismo, também se publicavam em Portugal obras do mesmo género. Pela primeira vez, Portugal acompanhava sem atraso a tendência internacional da evolução do gosto estético: “ao contrário do que sempre tinha acontecido até aí, as primeiras manifestações do simbolismo na literatura, pelo menos formalmente, foram contemporâneas do que se passava em Paris” (Coelho, 2002, p. 77). O simbolismo conheceu em Portugal um autor inovador e bem considerado entre os primeiros poetas simbolistas europeus. O italiano D’Annunzio declara: “Il y a deux poètes au monde: Eugenio de Castro et moi” (Bulletin, 1935, p. 83). E mais tarde, em 1920, numa entrevista com António Ferro, pergunta: “Que é feito de Eugénio de Castro? Vive ainda? É um grande poeta, um dos

maiores simbolistas que tenho conhecido” (Ferro, 1922, p. 57, apud Marnoto, 2009, p. 351).

No entanto, entre os críticos portugueses houve uma tendência para menosprezar a obra de Eugénio de Castro, reduzindo-a a um luxo formalista. Segundo Urbano Tavares Rodrigues, Castro “obedeceu menos a um comando poético do que a uma lúcida e crítica intenção de operar na poesia portuguesa uma revolução formal” (Prado Coelho, 1969, p. 166). Para Óscar Lopes, “o formalismo ou simpleza do processo literário é hoje evidente” (Lopes, 1987, p. 99). Para Mendes Coelho, o seu trabalho “acabaria por cristalizar-se numa procura exaustiva de vocábulos raros, sonoridades e imagens rebuscadas ou insólitas, transmitindo um simbolismo mais fabricado que sentido” (Coelho, 2002, p. 78).

Hoje reconhece-se que o “legado castriano de sondagem do subliminar e do arquetípico, do mitográfico e do esotérico, é indissociável quer da profusa e fulgurante imagística, quer da versatilidade fónico-rítmica e rimática” (Seabra Pereira & Cabral, 2011, p. 266), e que essa obra influenciou poetas posteriores, pois “esses dons fecundam ainda o palimpsesto de muita poesia do primeiro Sá-Carneiro e de outros modernistas” (Seabra Pereira & Cabral, 2011, p. 266). Hoje aponta-se Eugénio de Castro como o primeiro autor simbolista do espaço ibérico, coisa que não escapou a Andrés González-Blanco: “Eugénio de Castro fut le premier, non seulement au Portugal mais dans toute la péninsule ibérique et même en Amérique, à promulguer cette loi nouvelle. Qui faisait du modernisme en 1890, à l’apparition d’*Oaristys*? Personne” (González-Blanco, 1922, p. 200). Por causa do acolhimento de Ruben Dário, que muito o apreciava, Castro passou a significar “una tendencia estética que atraviesa sus fronteras y llega a consolidarse, incluso con más fuerza que en su propio país, en el espacio hispanoamericano y español” (Delgado, 2014, p. 36).

No período pós-Paris também fundou uma revista, com Silva Gaio, divulgando em Portugal as modernas tendências da litera-

tura europeia: a revista 'Arte – Revista Internacional'. Nessa revista publicaram-se não só autores portugueses, como sobretudo autores estrangeiros, em geral autores francófonos adeptos do movimento simbolista. Ao longo dos oito números publicados detetámos autores franceses, italianos, alemães e ingleses, como Paul Verlaine, Gustave Kahn, Stuart Merrill ou Marc Legrand.

A emergência de uma revista como *Arte* foi uma afirmação cosmopolita que catapultou a produção literária nacional para fora das fronteiras portuguesas, integrando-a numa rede de intercâmbios com outras revistas consagradas, como *L'Ermitage*, *La Revue Blanche* e o *Mercur de France*. De facto, os editores da revista internacional portuguesa declaram que o primeiro propósito é fomentar a “comunicação e comunhão de Portugal com o melhor das litteraturas europêas” (*Arte*, 1895, p. 54). Os editores portugueses tinham um representante em Paris, Louis-Pilate de Brinn’Gaubast, que funcionava como *pivot* da rede internacional: “São os dois primeiros a organizar os conteúdos, ocupando-se a terceira personagem do envio de notícias recolhidas e da activíssima propaganda de homem das relações públicas” (D’Heur, 1999, p. 108).

Entre os autores estrangeiros que têm sido apontados como tendo publicado na revista *Arte* tem-se apontado também Maeterlinck. Aliás, Huylebrouck considera que a edição da revista *Arte* se posiciona como o cerne do primeiro momento de receção de Maeterlinck em Portugal, pois é ali que se concentram os ecos maiores do autor belga. Na verdade, o nome de Maeterlinck aparece desde o primeiro número, estando explicitamente identificado como colaborador da revista. Se consultarmos a lista dos colaboradores que se encontra na última página do primeiro número – que depois se repete nos restantes números –, lá aparece o nome de Maeterlinck. Porém, analisando todos os volumes da revista, não encontramos qualquer texto de Maeterlinck.

Procurámos no Epistolário de Eugénio de Castro mais pistas para clarificar a relação com Maeterlinck. A correspondência de Maeterlinck

em arquivo resume-se a quatro pequenos cartões (não se trata de papel de carta, mas cartão grosso), todos de 1895. Os três primeiros cartões são aproximadamente quadrangulares (11,5 cm x 9 cm) e o último é retangular (14,2 cm x 6,6 cm). Começam sempre com a mesma fórmula, “Mon cher poète”, e acabam sempre com a assinatura de Maeterlinck.

O cartão mais interessante é o terceiro, datado de setembro de 1895. Maeterlinck teria recebido um pedido de contributo para a revista portuguesa, pois responde dizendo que não tem, no momento, um poema inédito para enviar, encontrando-se muito ocupado a terminar *Le Trésor des Humbles*. Mas promete enviar para a revista de Coimbra algum texto logo que tenha disponibilidade de tempo. Também diz que envia pela mesma carta uma fotografia sua. Não existindo esta fotografia no epistolário, estará ainda na posse dos herdeiros. Cá está a fonte da pequena notícia inserida no número 1 da revista *Arte* e a configuração de Maeterlinck como colaborador efetivo da revista.

Se não tivéssemos outras fontes acabaríamos por acreditar que a correspondência entre Castro e Maeterlinck se limitou ao ano de 1895. Mas sabemos que na exposição de “Consagração” de Eugénio de Castro, realizada em 1946, após a sua morte, e cujo catálogo se publicou no ano seguinte, foi exibida outra carta de Maeterlinck. De facto, o item 894 do catálogo consiste numa carta datada de “Gand, 17 Mars 1891” (Universidade de Coimbra, 1947, p. 137) onde Maeterlinck agradece dois textos de Eugénio de Castro traduzidos para francês. Ou seja, aquando da exposição biobibliográfica, tal carta existia, mas extraviou-se, pois à data da entrega, por parte da família, do epistolário do poeta conimbricense à Biblioteca Geral a dita carta já estava em falta. Só em 1990 (Filipe, 2015) os herdeiros entregaram à BGUC o conjunto da correspondência do poeta conimbricense, com um segundo ingresso em 1992. Portanto, os dois poetas já se correspondiam pelo menos desde 1891, mas não é pista suficiente para nos convencer que já se haviam encontrado em pessoa.

Em suma, o primeiro momento da receção de Maeterlinck em Portugal, na década de 1890, deve-se a Eugénio de Castro, mas não é pela publicação efetiva de textos do autor, é apenas pelo conhecimento indireto do poeta e pela expectativa da sua obra. Que afinal nunca chegou a acontecer, porque entretanto a revista deixou de ser publicada.

2.

Maurice Maeterlinck era o mais afamado dos embaixadores culturais que António Ferro tinha conseguido arrolar em 1935. Era, na verdade, o único dos escritores do grupo que já vinha distinguido com o Prémio Nobel da Literatura. As obras de Maeterlinck estavam disponíveis em Portugal desde 1915 com a publicação de *A Vida das Abelhas*, a que se seguiu *A Inteligência das Flores* (1916), *A Morte* (1917) e *O Tesouro dos Humildes* (1918). Nos anos 1920 e 1930 as obras que tiveram mais longevidade e viram várias reedições foram os títulos ligados ao campo e à natureza, “só os ‘bichinhos’ são editados” (Huylebrouck, 1993, p. 190) dado que a “sociedade portuguesa era ainda muito rural” (Huylebrouck, 1993, p. 190), para além de ser admissível que tenha havido alguma autocensura por parte das editoras, não editando obras que poderiam ser culturalmente exigentes ou problemáticas, como, por exemplo, *A Morte*, que foi condenada por Roma.

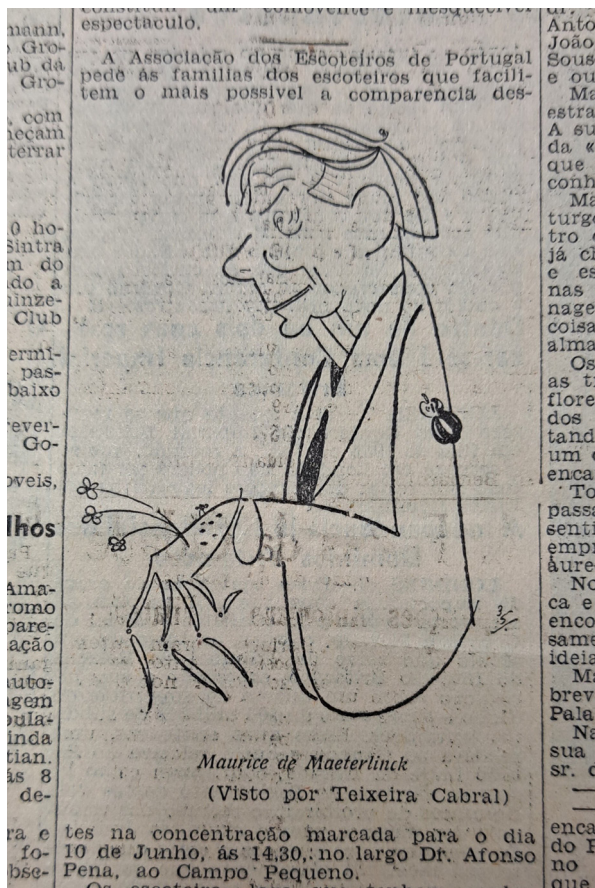
O convite para Maeterlinck estar presente nas Festas da Cidade de Lisboa havia sido feito em Itália: “Os Ferro e os Maeterlinck conheceram-se num importante Congresso de Teatro em Itália, nos anos trinta. António Ferro já estava a pensar num congresso de escritores célebres em Portugal e aproveita a ocasião para fazer convites” (Huylebrouck, 1993, p. 190). Tal pôde ser confirmado através da consulta do Arquivo da Fundação António Quadros.

No exame do chamado “Livros dos Autógrafos”⁴ encontramos um conjunto de autógrafos de figuras reunidas naquilo que Fernanda de Castro designou de ‘congresso de Villa d’Este’. Na página de abertura está o autógrafo de Mussolini e seguem-se outros autógrafos de figuras literárias, entre os quais os de Maeterlinck e de Pirandello. Trata-se, afinal, do ‘IV Convegno della Fondazione Alessandro Volta per il Teatro Drammatico’, organizado no seio da Reale Accademia d’Italia, e presidido por Pirandello, e que decorreu em Roma entre 8 e 14 de Outubro de 1934, apenas um mês antes de Pirandello saber que receberia o Prémio Nobel. Conforme se pode verificar no programa do congresso⁵, o último dia, domingo, dia 14, decorreu em Tivoli, com almoço servido no famoso palácio do renascimento Villa d’Este, ao que se seguiu uma visita à Villa Adriana. Terá sido na Villa d’Este, porventura, que a amizade entre os casais se cimentou. Terá sido ali que foi feito o convite para os Maeterlinck virem a Portugal no ano seguinte. Podemos, por isso, atestar com toda a segurança que António Ferro conheceu Maurice Maeterlinck em outubro de 1934.

As Festas da Cidade de Lisboa, organizadas pela Câmara Municipal, constituíam uma estratégia de promoção do Estado Novo, regime que estava então na sua infância. Se as Festas começaram a 1 de junho, com a cerimónia oficial da abertura nos Paços do Concelho, a verdade é que as figuras convidadas pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) não chegaram logo nos primeiros dias, nem chegaram todas ao mesmo tempo. Ao longo da primeira semana de junho, a imprensa foi apontando a chegada das figuras mais conhecidas, daquela que entretanto se passou a designar de ‘Embaixada Cultural de 1935’. Pela consulta da correspondência de António Ferro no Arquivo da FAQ sabemos que a chegada de Maeterlinck estava inicialmente prevista para 5 de junho.

4 Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/04/00541

5 Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/04/00932

Caricatura de Maurice Maeterlinck⁶.

O *Jornal de Notícias* de 8 de junho informa que Maeterlinck chegou a Lisboa nesse dia, um sábado, no comboio *Sud Express*, ao mesmo tempo que Émile Vuillermoz⁷. Ficou hospedado no Avenida Palace Hotel, na praça dos Restauradores, no centro de Lisboa. O *Diário de Notícias*⁸ também noticia a chegada do escritor belga e publica uma “breve entrevista” conseguida no vestíbulo do hotel, onde o belga elogia a “beleza da paisagem” que lhe lembra Itália, a “ordem que paira no ar”.

6 *Diário de Notícias*, n.º 24907 (8 jun. 1935)

7 *Jornal de Notícias*, n.º 132 (8 jun. 1935)

8 *Diário de Notícias*, n.º 24907 (8 jun. 1935)

Maeterlinck chegara a tempo de presenciar o Torneio de Cavalaria, realizado nesse dia, dentro do claustro dos Jerónimos. No dia seguinte, domingo, dia 9 de junho, às 18 horas, houve um “Porto de Honra”⁹ na sede do SPN em Lisboa, que ficava então no n.º 75 da Rua de S. Pedro de Alcântara.

Testemunha da passagem de Maeterlinck por Portugal foi Júlio Dantas, alguém que já conhecia a obra do autor belga e que considera que “a sua obra era familiar nos meios intelectuais portugueses” (Dantas, 1972, p. 93). Foi nessa altura, nos primeiros dias de junho, que o conheceu pessoalmente. Diz que privou com ele em duas ocasiões diferentes.

Uma primeira ocasião de encontro apresentou-se num dos eventos de receção às figuras da embaixada cultural, “foi em Lisboa, num chá semi-oficial, que eu apertei pela primeira vez a mão do grande escritor belga” (Dantas, 1972, p. 94), um momento um tanto breve porque eram muitas as pessoas que procuravam falar com o belga, de modo que “trocámos apenas um aperto de mão, porque eu julguei não dever afligi-lo com os protestos do meu apreço literário” (Dantas, 1972, p. 94). Júlio Dantas confessa que ficou surpreso por verificar que a pessoa do escritor não correspondia com a imagem que guardava das fotografias, pois via “um volumoso velho, de face vermelha e de cabeleira branca hirsuta, com o ar de um turista inglês vagamente nostálgico e completamente despreocupado do culto das perfeições exteriores, julguei, com franqueza, que se tinham enganado na apresentação” (Dantas, 1972, p. 94). Até a roupa lhe causava espanto, “viera para o chá, que lhe ofereciam, vestido de cinzento, calção de *golf*, sapatos brancos, e parecia estranho a tudo quanto o rodeava” (Dantas, 1972, p. 94). Talvez o primeiro encontro a que se refere Júlio Dantas tenha sido na receção na sede do SPN em Alcântara.

9 *Jornal de Notícias*, n.º 133 (9 jun. 1935)



Maeterlinck no ano em que visitou Portugal pela primeira vez¹⁰.

Uma segunda oportunidade de encontro surgiu num almoço oferecido pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros português. Por notícia do jornal *O Primeiro de Janeiro*¹¹ sabemos que o banquete diplomático decorreu no Palácio das Necessidades. Seria um evento de âmbito mais restrito, seriam menos os convivas e “tive o ensejo de conversar com o artista admirável de *L'intruse* e de *Les Aveugles*” (Dantas, 1972, p. 95), uma conversa onde eram frequentes os silêncios de quem já não se preocupa com o que pensará o outro. Na opinião de Júlio Dantas, Maeterlinck era “um homem que não se prodigalizava; que conhecia o valor do silêncio, tanto como o das palavras; e que não se julgava, de nenhum modo, obrigado a ser tão brilhante quando conversava como o era quando escrevia” (Dantas, 1972, p. 95).

Para completar as impressões dos contemporâneos a propósito de Maeterlinck em 1935, veja-se como o correspondente do *ABC* madrileno, Fernandez Flores, o descreve:

10 Coleção Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema: fotograma do filme/documentário do SPN “Visita de Escritores Estrangeiros a Portugal” (1935)

11 *O Primeiro de Janeiro*, n.º 127 (1 jun. 1935)

Maeterlinck es, todo él, una sinfonía de grises: gris de plata el pelo abundante, recortado con espesor de seto, que siempre deja un largo mechón desprendido sobre la frente; de un gris azulado los ojos pequeños y vivos en la cara ancha, rosada, de papada floja; cara y cuerpo recios, de flamenco, de hombre que ha cultivado los ejercicios físicos; un vago aire de viejo tratante de ganado, andaluz; trajes siempre grises, corbata siempre gris y grises zapatos silenciosos y blandos; gris el sombrero de terciopelo, caído hacia la nuca. Hasta en su voz de setenta y tres años, un poco farfullante hay un tono gris.¹²

A única figura ombreando com Maeterlinck seria Unamuno. Havia na embaixada cultural outras figuras relevantes, como Mauriac, Mistral, Maritain, Maeztu ou Curtius, mas aqueles dois eram as grandes vedetas, os responsáveis pela maior tensão que se gerava dentro do grupo, pois “quando os ‘embaixadores’ se juntavam, conta-nos Maciel, Unamuno manifestava certa ‘ciúmeira’ em relação ao famigerado autor da *Vida das Abelhas*, sempre assediado, sobretudo pelas raparigas bonitas...” (Medina, 1977, p. 22). Fernanda de Castro confirma nas suas Memórias que havia de facto tensões dentro da embaixada cultural. Explica que foram várias as circunstâncias em que houve melindres, “foi realmente complicado e por vezes difícilíssimo o protocolo da recepção de tantas personalidades, de tantas figuras de primeiro plano, todas com o seu orgulho, as suas susceptibilidades, as suas humanas vaidades” (Castro, 1986, p. 270). A equipa do SPN era pequena e foi difícil contentar a todos: “foi uma quinzena extraordinária mas difícil, inolvidável mas exaustiva” (Castro, 1986, p. 269).

Um dos resultados desta visita de Maeterlinck a Portugal em 1935 foi o estabelecimento de uma relação de proximidade com o casal Ferro, de consequências profundas na divulgação futura da obra de Maeterlinck em Portugal. Talvez isso se explique pelo bom entendimento

12 Jornal ABC, n.º 10016 (02 jul. 1935)

entre Renée Dahon e Fernanda de Castro, possível de comprovar nas Memórias desta última, bem como na profusão de cartas, postais e telegramas (74 peças) e fotografias de Renée Dahon conservadas no Arquivo da FAQ. Numa leitura rápida nota-se, desde logo, uma evolução do tom usado por Renée, que se vai libertando das formalidades e ganhando a correspondência posterior um tom de intimidade e amizade.

No mesmo ano, em Agosto, o casal Ferro deslocou-se em férias a França e foi recebido em casa do casal Maeterlinck. Fernanda de Castro engana-se na data e escreve nas Memórias, “saímos de Lisboa em fins de Setembro de 1936, e dois dias depois fomos almoçar ao Castelo de Médan onde viviam Maeterlinck, Renée e os pais desta, pois já tínhamos sido convidados por carta, duas ou três semanas antes” (Castro, 1986, p. 280). São duas as fotografias que constam do Arquivo da FAQ, em que estão apostas datas precisas, uma com a data de 21/08/1935¹³ e outra com a data de 24/08/1935¹⁴, que nos provam que logo em Agosto de 1935 o casal Ferro visitou o casal Maeterlinck em França. Maeterlinck viveu no Château de Médan entre 1924 e 1939, junto ao Sena, na periferia do norte de Paris. Era uma casa com história, associada a outra figura da literatura francesa, pois no séc. XVI ali vivera o poeta Pierre de Ronsard. No entanto, as duas fotografias em que aparece o casal Ferro¹⁵ junto dos seus anfitriões não foram tiradas no Castelo de Médan, mas sim nas ruínas da Abadia Saint-Wandrille de Fontenelle, entre Le Havre e Rouen, um lugar onde Maeterlinck vivera anos antes com Georgette Leblanc.

Em 1937 os dois casais voltaram a estar juntos em virtude da Exposição Internacional de Paris, que abriu em maio desse ano. Coube a António Ferro preparar a abertura do pavilhão português. Consta que se lhe deve a escolha do lote de terreno (Oliveira, 2018) em que seria erguido o pavilhão português, muito bem situado, junto ao

13 Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/06/0002/01268

14 Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/06/0002/01269

15 Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/06/0002/01269 e PT/FAQ/AFC/06/0002/01270

Sena e ao lado do pavilhão alemão. Ferro organizou então um conjunto de conferências na 'Casa de Portugal' e a de Fernand Gregh foi apresentada por Maeterlinck.

Em 1939 Maeterlinck voltou uma segunda vez a Portugal, desta vez num estágio mais demorado e menos feliz, na medida em que fugia do caos que estava a ponto de tomar conta da Europa. Por cá permaneceu quase um ano, entre o verão de 1939 e junho de 1940. Terão ficado alojados no "Palácio Hotel no Estoril, passando a seguir para a Quinta da Marinha em Cascais, e mudando-se no Outono para a Avenida António Augusto de Aguiar, 165, Lisboa" (Huylebrouck, 1993, p. 191). Em 1940 é representada no Teatro Nacional D. Maria, pela Companhia Rey Colaço, a peça *O Padre Setúbal*, a última criação dramatúrgica de Maeterlinck.

Demorando-se em Portugal, os dois casais voltaram a estreitar relações. Fernanda de Castro lembra-se disso e escreve, nas suas Memórias, que Maeterlinck "passou um Verão durante a guerra, apertado com a mulher e os sogros numa das mais pequenas casas da Quinta da Marinha" (Castro, 1986, p. 270) e depreende-se desse relato que o convívio seria frequente, pois diz que "quase todos os dias ia almoçar connosco, e a primeira coisa que fazia ao chegar era ir para a cozinha vigiar a confecção do almoço" (Castro, 1986, p. 270). Tiveram até oportunidade de viajar por Portugal, nomeadamente no Alentejo. Fernanda de Castro comentou nas suas Memórias uma carta de "Maeterlinck, aliás muito curta, em que me agradece o passeio que lhe proporcionei a Évora quando, durante a guerra, passou alguns meses em Lisboa com a mulher e os sogros" (Castro, 1986, p. 76).

Mais tarde, terminada a guerra, foram convidados a ir a Nice e terão conhecido o enorme edifício debruçado sobre o mediterrâneo, na ponta do cabo de Nice, que Maeterlinck adquirira, a *Villa Orlamonde*, onde viveu até à sua morte em 1949. Escreve Fernanda de Castro a propósito de certa historieta, "eu estava em Nice com o António, a passar umas curtas férias em casa dos Maeterlinck" (Castro, 1987, p. 149).

3.

Encerradas as festividades em Lisboa, que decorreram de 1 a 16 de junho de 1935, a embaixada cultural foi ainda agraciada com mais alguns dias de excursão pelos pontos fundamentais da história e do turismo português. Na área de Lisboa já tinham visitado Almada, Cascais, Sintra e Cabo da Roca. Na revista *Ilustração*¹⁶ aparecem imagens de membros da embaixada cultural em Cascais, mas nelas não se descobre Maeterlinck.

Segundo João Medina, “para o passeio ao Norte, oferecido pelo S.P.N., organizou-se um cortejo de dezanove carros que foram até Viana do Castelo” (Medina, 1977, p. 22). Quanto ao número de viaturas só pode ser um equívoco, pois no semanário *Bandarra* há um artigo que indica que a caravana era constituída por 10 automóveis Packard e Hupmobile, para além de duas camionetas, devidamente “etiquetados com um rótulo do S.P.N. e numerados”¹⁷. Maeterlinck viajou no automóvel etiquetado com o número 1. Mas a direção para norte não se explica só por razões de turismo, seria também uma aproximação em relação à linha de comboio da Beira Alta, o ponto de extração por onde os estrangeiros saíam de Portugal. Deste modo, Coimbra, a cidade mais próxima da Pampilhosa do Botão, o nó ferroviário que dá acesso à linha da Beira Alta, foi a última cidade visitada nesse itinerário.

O último dia que o belga passou em Lisboa foi a 13 de junho. Pela manhã, um passeio pelo rio Tejo oferecido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. O vapor *Lisbonense* rumou até Vila Franca de Xira, onde os esperava uma quadrilha de campinos ribatejanos. Durante a viagem foi servido um almoço à portuguesa e ouviram-se discursos, nomeadamente do Ministro Armindo Monteiro. Há imagens num filme realizado pelo SPN de um Maeterlinck bem disposto, no tombadilho do navio, admirando a paisagem ribatejana durante o passeio fluvial.

16 Revista *Ilustração*, n.º 229 (1 jul. 1935)

17 *Bandarra*, n.º 16 (29 jun. 1935)



Maeterlinck a bordo do vapor *Lisbonense*¹⁸.

A seguir ao almoço, Maeterlinck foi a S. Bento para encontrar-se com Salazar. Não teria qualquer motivação política, “il n’a pas grand-chose à dire au dictateur” (Duhamel, 1983, p. 212), como comentou Duhamel, mas o belga não dispensou o privilégio de conhecer em pessoa o ditador português. Seria só um gesto de cortesia, que não deixava de denotar aprovação.

Ao fim da tarde, teve lugar um dos pontos altos das Festas de Lisboa, a saber, o Cortejo Medieval, encenado por Leitão de Barros, evocando o desfile da Corte de D. João I. Uma vez que Maeterlinck estava alojado no Avenida Palace Hotel, deve ter acompanhado parte do enorme desfile em alguma das varandas do hotel.

No dia seguinte, na sexta-feira, 14 de junho, começou o traslado da embaixada para norte. A caravana automóvel arrancou pelas 10 horas e tomaram a estrada para Alcobaça, atravessando várias povoações, nomeadamente Torres Vedras, Bombarral, Óbidos e Caldas. Chegados a Alcobaça, foi servido o almoço dentro do mosteiro cisterciense, mais propriamente no claustro.

18 Coleção Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema: fotograma do filme/documentário do SPN “Visita de Escritores Estrangeiros a Portugal” (1935)



Toda a 'Embaixada Cultural de 1935' em Alcobaça¹⁹.

Depois do almoço realizou-se a visita ao mosteiro, dando-se especial ênfase aos túmulos de Pedro e Inês. Consta que Maeterlinck ficou muito interessado nessa história, "Maeterlinck e Tharaud foram os seus ouvintes mais atentos"²⁰, mas não há notícia que tenha escrito algo inspirado nesse tema. Conserva-se dessa visita uma fotografia de grupo diante da fachada do mosteiro publicada no *Jornal de Notícias*²¹, no *Diário de Notícias*²² e, ainda melhor, no *Bandarra*²³.

A etapa seguinte foi a Nazaré, primeiro o Sítio, onde visitaram a capelinha e o santuário, e depois a praia, onde se misturaram com os pescadores. Conserva-se dessa etapa um filme do SPN em

¹⁹ *Idem*

²⁰ *Bandarra*, n.º 17 (06 jul. 1935)

²¹ *Jornal de Notícias*, n.º 139 (16 jun. 1935)

²² *Diário de Notícias*, n.º 24922 (23 jun. 1935)

²³ *Bandarra*, n.º 16 (29 jun. 1935)

que não se capta Maeterlinck. Todavia, na sua correspondência existente no Arquivo da FAQ evoca-se mais do que uma vez a impressão marcante que lhe deixou o povo de pescadores na Nazaré. Diz o *Bandarra* que “a partida fez-se a custo”²⁴ e que a impressão foi de tal modo forte que Maeterlinck não arredou pé sem levar consigo “um corte da típica flanela usada pelos pescadores”²⁵.



Maeterlinck, entre Mauriac e Gregh, no claustro do Silêncio²⁶.

Depois seguiu-se a visita ao Mosteiro da Batalha e também esse momento ficou registado nas imagens dos filmes do SPN, com Maeterlinck à conversa no claustro, mesmo diante da entrada para a Sala do Capítulo, onde alguém deve ter contado a lenda da abóbada de Afonso Domingues. Ao fim do dia chegaram ao Palace Hotel do Bussaco.

24 *Bandarra*, n.º 17 (06 jul. 1935)

25 *Idem*

26 Coleção Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema: fotograma do filme/documentário do SPN “Visita de Escritores Estrangeiros a Portugal” (1935)



Maeterlinck em passeio pelas ruas do Porto²⁷.

No sábado, dia 15, a comitiva passou a manhã no Bussaco. Uns passearam pelos jardins e pela mata, outros subiram até à Cruz Alta. Almoçaram no hotel e a seguir ao almoço seguiram para o Porto, onde chegaram por volta das 18 horas. Ficaram alojados no Grande Hotel do Porto, na rua de Santa Catarina, e o jornalista do *Jornal de Notícias* comenta: “entre os poucos que saíram vimos o grande Maeterlinck, um tudo nada aborrecido com a insistência dos fotógrafos em fixar-lhe o perfil”²⁸. O *Primeiro de Janeiro* conseguiu captar um instante de Maeterlinck nas ruas do Porto, junto de d’Ormesson. Nessa noite houve um banquete no Palácio de Cristal, oferecido pela Câmara Municipal, que Maeterlinck falhou por sentir-se indisposto.

²⁷ O *Primeiro de Janeiro*, nº 141 (18 jun. 1935)

²⁸ *Jornal de Notícias*, nº 139 (16 jun. 1935)

No domingo, dia 16 de junho, a caravana fez a visita de Braga e Guimarães. No dia seguinte houve a visita de Viana do Castelo, onde “algumas raparigas do Carreço”²⁹ ofereceram ao autor de *A Vida das Abelhas* mel de abelhas minhotas. Na terça-feira, dia 18, a caravana voltou para sul e visitou Aveiro antes de se instalar no Palace Hotel da Curia.



Maeterlinck na Curia³⁰.

No cais da Bestida (Murtosa) embarcam em moliceiros e fizeram um passeio, navegando até à tapada de S. Jacinto, para um almoço ao ar livre (onde não faltou o Leitão à Bairrada). Depois do almoço a flotilha de moliceiros atravessou de novo o lençol da ria; ao passar as pirâmides no canal principal de Aveiro uma chuva de foguetes. Seguiu-se a visita à Fábrica da Vista Alegre e, finalmente, a Curia. Há

29 *Diário de Notícias*, n.º 24917 (18 jun. 1935)

30 Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/06/0002/01458.

uma fotografia de Maeterlinck a passear pelas veredas bordejadas de rosas do Palace Hotel da Curia juntamente com Pierre Daye e Fernand Gregh, provavelmente na manhã seguinte.

Maurice Maeterlinck esteve em Coimbra no dia 19 de junho de 1935. O último dia que passou em Portugal, porque terminada a visita, terá apanhado o *Sud Express* com destino a França.

Segundo o que se descreve na primeira página do *Diário de Coimbra* de 20 de junho, numa notícia com o título “Esteve ontem em Coimbra a embaixada intelectual estrangeira que visitou a universidade e o museu Machado de Castro”³¹, para além do Reitor João Duarte de Oliveira, também estavam presentes Eugénio de Castro (como diretor da FLUC), João da Providência Costa (como Diretor da Biblioteca) e ainda o Governador Civil de Coimbra. Na *Gazeta de Coimbra*, a par de *O Primeiro de Janeiro*, encontramos a informação segundo a qual naquele dia António Ferro já não acompanhava a embaixada cultural, pois “sentindo-se indisposto ficou na Curia”³². Fernanda de Castro substituí-a, acompanhada de outros funcionários do SPN, Artur Maciel e António Eça de Queiroz.

A primeira etapa da visita em Coimbra foi a receção no *Paço das Escolas*. Foram recebidos pelo Reitor na Sala dos Capelos. Para os admiradores da obra de Salazar, como era o caso de Maeterlinck, haveria, por certo, alguma expectativa quanto à Universidade em cuja cátedra de Direito o Chefe do Governo português exercera o magistério. Depois fizeram uma visita aos espaços emblemáticos do velho edifício, a começar pela própria Sala dos Capelos, depois os salões superiores até à varanda altaneira que oferece a panorâmica sobre a cidade, a capela e, finalmente, a Biblioteca Joanina.

A fotografia que capta a presença da embaixada cultural no *Paço das Escolas* é extraordinária. O grupo está no pátio central, virado a

31 *Diário de Coimbra*, nº 1732 (20 jun. 1935)

32 *Gazeta de Coimbra*, n.º 3352 (20 jun. 1935)

sul, nas suas costas vêm-se na Via Latina estudantes trajados com capa e batina. As senhoras à esquerda, entre as quais se identifica claramente Gabriela Mistral e Renée Dahon, e os senhores à direita. Na linha da frente há quatro figuras sobre as quais não recai qualquer dúvida: Eugénio de Castro, de bengala, e, à sua esquerda, Maeterlinck, Gregh e Unamuno. O mais interessante é verificar que Castro e Maeterlinck ficaram lado a lado, finalmente próximos.



Fotografia de grupo dentro do Paço das Escolas³³.

Seguiu-se uma receção no Museu Machado Castro, que ainda não era um museu nacional, mas que já era o mais importante museu da cidade, habilmente dirigido por Vergílio Correia. Escreve o jornalista

33 Identifica-se da esquerda para a direita: Jules Romain; António Eça de Queirós; senhora não identificada; Magdaleine Cabout (secretária de Mistral); Gabriela Mistral; Madame Gregh; Marquesa de Quintanar; Madame Maeztu; Renée Dahon; Pierre Daye; Domingos Mascarnhas (jornalista do *Diário de Notícias*); Guilherme Pereira de Carvalho (secretário de António Ferro); Oscar Paxeco (jornalista d' *O Século*); Fernando Gallego de Chaves Calleja, Marqués de Quintanar; Eugénio de Castro; Artur Maciel; Maurice Maeterlinck; Fernand Gregh; Miguel de Unamuno; Ribeiro Couto; João Duarte de Oliveira (Reitor); João da Providência Costa (?) (Diretor da Biblioteca Geral); Ernest Robert Curtius; Adolfo S. Muller (jornalista do *Novidades*). Arquivo FAQ - PT/FAQ/AFC/06/0002/01455

do *Diário de Notícias* que “os escritores belgas encontraram aí algumas obras de artistas flamengos, como Olivier de Gand, o que muito grato foi aos seus sentimentos patrióticos”³⁴. Apesar do museu estar a receber novidades de Conímbriga, onde Vergílio Correia conduzia as primeiras escavações de carácter científico, é seguro que preferiu cativar os visitantes com os pintores e escultores flamengos Olivier de Gand, Adriaen Isenbrandt e Quentin Metsys.

Lembre-mo-nos que em 1935 ainda não tinha começado a destruição da Alta, pelo que estes estrangeiros ainda conheceram o bairro salatina na versão antiga, genuína, com as suas ruas e ruelas apertadas e íngremes. Só a torre sineira de Santa Cruz é que já tinha sido demolida no início desse ano. O museu ainda estava ligado à Sé Nova pelo chamado Arco do Bispo, que, em 1935, era ainda a sede do Instituto de Coimbra. O Largo da Feira ainda estava separado do Largo Rodrigues e do Largo de S. João por prédios, um dos quais era a escola primária.

Por fim, o grupo foi visitar o templo românico da Sé Velha, cujo restauro ainda não havia terminado. Segundo a mesma notícia do *Diário de Coimbra*, o périplo em Coimbra terminou com um almoço no Hotel Astória. Talvez tenha sido aí que o jornalista de *O Despertar* tenha colhido de Maeterlinck a seguinte declaração: “Deixo com pena êste maravilhoso País, que foi para mim uma revelação”³⁵.

Eugénio de Castro deve ter-se sentido dividido entre duas gratidões: por um lado, Maeterlinck, o homem que o inspirara e servira de modelo a tanto do seu labor literário, e um dos elos de ligação aos focos de disseminação da sua obra no norte da Europa; e, por outro, Unamuno, um dos responsáveis (a par de Rubén Darío) pela disseminação da sua obra em Espanha e América do Sul, e a quem devia a recomendação para *Honoris causa* pela Universidade de Salamanca apenas no ano anterior.

34 *Diário de Notícias*, n.º 24919 (20 jun. 1935)

35 *O Despertar*, n.º 1858 (26 jun. 1935)

Maeterlinck chegava pela primeira, e única vez, à cidade onde se editara a revista que pretendia publicar os seus textos em Portugal e que nunca o conseguia fazer. Estaria lembrado disso? A residência de Eugénio de Castro estava a dois passos da Porta Férrea, na rua do Cosme, nº 11. Será que Eugénio de Castro desviou Maeterlinck para o levar a sua casa?



Eugénio de Castro e Maeterlinck na Estação Velha³⁶.

A fotografia mais significativa deste primeiro encontro presencial, quarenta anos depois das primeiras missivas, é aquela que Eugénio Silvano de Castro, o neto do poeta português, guarda no estúdio de sua casa na Figueira da Foz. A fotografia foi tirada no mesmo dia e mostra os dois lado a lado, na Estação Velha, ambos de chapéu, o português de charuto na mão, além de bengala e luvas na outra mão,

³⁶ Propriedade de Eugénio Silvano de Castro.

e o belga de binóculos ao pescoço e sobretudo dobrado no braço esquerdo. Sorriem. Eram os últimos instantes antes de Maeterlinck subir para o *Sud Express* que o levaria de volta para França.

Se Eugénio de Castro foi o primeiro mediador da receção da obra de Maeterlinck em Portugal, foi o último a conhecê-lo em pessoa: não chegou a conhecê-lo na primeira viagem a Paris em 1889; não o conheceu em 1896, no banquete de homenagem em Paris que Brinn'Gaubast organizou; não o viu na cerimónia de entrada na Academia Belga em Bruxelas; e só a 19 junho, em Coimbra, o veio conhecer em pessoa.

António Ferro conheceu Maeterlinck em pessoa em 1934 e privou com ele até à morte (1949). O casal Ferro tornou-se o principal agente de divulgação da obra do belga em Portugal e o primeiro responsável pelas relações que o ligavam a Portugal. Em 1946 o Estado português adquiriu o retrato de Maeterlinck pintado por Henrique Medina, integrando hoje as coleções do Museu do Chiado: a presença do último retrato pintado de Maurice Maeterlinck num museu português é uma maneira de lembrar os laços fortes que uniram Maeterlinck a Portugal.

Bibliografia

Fontes:

Arquivo da Universidade de Coimbra: Processo Individual do Professor Eugénio de Castro e Almeida – Caixa 6

Arquivo fotográfico da Fundação António Quadros (FAQ)

Caixa 06-07 - PT/FAQ/AFC/06/0002/01284

Caixa 06-07 - PT/FAQ/AFC/06/0002/01268

Caixa 06-07 - PT/FAQ/AFC/06/0002/01269

Caixa 06-07 - PT/FAQ/AFC/06/0002/01270

Arquivo de correspondência da Fundação António Quadros (FAQ)

Caixa 021

Caixa 029

Caixa 031

Epistolário de Eugénio de Castro – correspondência de Maurice Maeterlinck. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Entrevista com Eugénio Silvano de Castro e Almeida (28/08/2024)

Fontes na Imprensa:

ABC (Madrid.). N.º 10016 (02 jul. 1935)

Bandarra: semanário da vida portuguesa. N.º 16 (29 jun. 1935)

Bandarra: semanário da vida portuguesa. N.º 17 (06 jul. 1935)

Diário de Coimbra. N.º 1732 (20 jun. 1935)

Diário de Notícias. N.º 24907 (8 jun. 1935)

Diário de Notícias. N.º 24917 (18 jun. 1935)

Diário de Notícias. N.º 24919 (20 jun. 1935)

Diário de Notícias. N.º 24922 (23 jun. 1935)

Gazeta de Coimbra. N.º 3352 (20 jun. 1935)

Ilustração. Ano 10. N.º 229 (01 jul. 1935)

Jornal de Notícias. N.º 132 (8 jun. 1935)

Jornal de Notícias. N.º 133 (9 jun. 1935)

Jornal de Notícias. N.º 139 (16 jun. 1935)

O Despertar. N.º 1858 (26 jun. 1935)

O Primeiro de Janeiro. N.º 127 (1 jun. 1935)

O Primeiro de Janeiro. N.º 141 (18 jun. 1935)

Referências bibliográficas

Adam, Cécile (1999). *Eugénio de Castro e Albert Mockel*. In Centenário da Publicação de Oaristos de Eugénio de Castro, Actas do Colóquio, Edição de Jean Marie D’Heur (Liège) & René Poupart (Mons), Fundação Calouste Gulbenkian

Andrei, Carmen (2007). Originalité et modernité du théâtre de Maurice Maeterlinck. In *Littérature, langages et arts: rencontre et création*. Coord. Dominique Bonnet, Maria Jose Chaves, Nadia Duchêne, ISBN 978-84-96826-15-1

Arte – Revista Internacional (1895-1886). Editor Augusto d’Oliveira, Coimbra

Bulletin Académie Royale de Langue et de Littérature Françaises (1935). Tome XIV, n.º 3

- Castro, Eugénio de (1924, Maio 4 e 11). Vários Capítulos de História Literária. El autor de “Belkis” y el movimiento simbolista en la poesía portuguesa. Una autobiografía literária de Eugénio de Castro. *La Nación*
- Castro, Eugénio de (1969). *Viagem a Salamanca*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira
- Castro, Fernanda de (1986). *Ao fim da memória: memórias : 1906-1987* (2 Volumes). [Lisboa] : Verbo
- Coelho, Paula (2002). A poesia simbolista no Portugal finissecular: modelos e transfigurações alguns apontamentos. In *Discursos [Em linha]: língua, cultura e sociedade*. ISSN 0872-0738. p. 77-83
- Dantas, Júlio (1972). *Grandes Figuras*. Lisboa
- Delgado, António (2014). Relaciones literarias entre Portugal y España 1890-1936: hacia un nuevo paradigma. In *1616: Anuario de Literatura Comparada*, 4, 25-45
- D’Heur, Jean (1999). Ars longa, Arte breve. In *Centenário da publicação de Oaristos de Eugénio de Castro: actas do Colóquio 7-9 Novembro 1990, Universidades de Liège e de Mons*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian
- Duhamel, Georges (1983). *Le Livre de L’Amertume – Extraits du journal de Blanche et Georges Duhamel présentés et annotés par Bernard Duhamel*. Mercure de France. ISBN : 2-7152-0175-3
- Filipe, Cláudia (2015). *Guia dos Arquivos privados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: ingressos de 1947 a 2014*. Trabalho de projeto para obtenção do grau de mestre em Ciências da Documentação e Informação, ramo de Arquivística (orientação de Dr. António Gil Matos e Dr. Júlio Ramos), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras
- González-Blanco, Andrés (1922). Eugénio de Castro. In *Hispania* (jul./set.), 198-237
- Huylebrouck, Roza (1993). Recepção Portuguesa de Maurice Maeterlinck. Achegas Bio-Bibliográficas. Sep. de “Rev. Fac. Letras do Porto - Línguas e Literaturas. S. 2 (10), 187-193
- Lopes, Óscar (1987). *Entre Fialho e Nemésio : Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*. Vol. I. Lisboa : Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- Marnoto, Rita (2009). Eugénio de Castro entre simbolismo e futurismo. In *Biblos : revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. S. 2 (7), 349-362
- Medina, João (1977). *Salazar em França*. Lisboa : Ática
- Oliveira, Alexandre (2018). “O Fecho da Abóbada”: O Museu de Arte Popular e a ação do Secretariado da Propaganda Nacional. Tese elaborada para obtenção de grau de Doutor em Antropologia, Orientador: Professor Doutor Joaquim Pais de Brito, ISCTE-IU
- Prado Coelho, Jacinto (Dir.) (1969). *Dicionário de Literatura* (1º Vol.). Porto : Livraria Figueirinhas
- Seabra Pereira, José & Cabral, Maria (2011). Capere, Non Capi: Eugénio de Castro no contexto da ‘Internacional Simbolista. *Carnets, Invasions & Évasions*, spécial automne-hiver 2011-2012, 263-273. <https://doi.org/10.4000/carnets.7816>

Secretariado Propaganda Nacional (Diretor) (1935). A Praia da Nazaré [Film]. In *Coleção Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema* (ID CP-MC: 7000079)

Secretariado Propaganda Nacional (Diretor) (1935). Visita de Escritores Estrangeiros a Portugal [Film]. In *Coleção Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema* (ID CP-MC: 7000081)

Thomas, Edward (1911). *Maurice Maeterlinck*. Methuen & Co. LTD, London

Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral (1947). *Eugénio de Castro: Consagração da Universidade de Coimbra (10 de junho de 1946)*. Separata de "Biblos", 22

